

Este estudo teve como objetivo analisar o perfil dos doadores de sangue total durante o período da pandemia de COVID-19. Para os setores de Captação, instituídos em todos os Hemocentros públicos do país, é importante conhecer o público que tem adesão maior à doação para que se possa adotar estratégias direcionadas em períodos de calamidade pública. Ao considerar que a última pandemia oficialmente anunciada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) foi a da gripe suína, há mais de 10 anos, faz-se mister compreender que tipo de doadores de sangue o Hemocentro de Brasília teve durante os quase dois anos de calamidade pública decretados pelo governo do Distrito Federal (entre junho de 2020 e abril de 2022). Ao traçar esse perfil, será possível compreender para que público as ações e estratégias destinadas à captação e fidelização de doadores devem ser direcionadas, a fim de garantir estoques de sangue seguros e suficientes para o abastecimento integral da rede de saúde. Realizou-se um estudo comparativo do perfil de doadores de sangue dos dois anos antecedentes à pandemia (junho de 2018 a abril de 2020) com os doadores dos quase dois anos de estado de calamidade pública (junho de 2020 a abril de 2022). Os dados foram extraídos do sistema informatizado utilizado para todo o Ciclo do sangue (SISTHEMO). Para a seleção dos doadores, o parâmetro utilizado foi o atendimento “sangue total”. No primeiro período (2018 a 2020) o sistema retornou 79.184 doadores. 32% deles possuem 3º grau completo; 30% com 2º grau completo, seguido de 17% com 3º grau incompleto. Quanto à faixa etária, 50% possuem entre 18 e 29 anos; 35% de 30 a 39 anos; e 23% de 40 a 49 anos. 53% foram homens e 46% mulheres. Já no período pandêmico (2020 a 2022) o sistema registrou 74.598 doadores. 36% com 3º grau completo; 29% com 2º grau completo; e 18% com 3º grau incompleto. Quanto à faixa etária, 53% possuem de 18 a 29 anos; 34% de 30 a 39 anos; e 24% de 40 a 49 anos. 49% são homens e 51% mulheres. Os dados revelam uma redução de quase 6% sobre o total de doadores durante a pandemia. Houve um aumento significativo do público com graduação completa e a manutenção do perfil prevalente da faixa de 18 a 29 anos. Interessante destacar o aumento de doadoras sobre doadores, especialmente devido à prevalência histórica de doadores homens. O contexto da pandemia, aliado à todas as sensibilizações e trabalho educativo realizados em conjunto pela Captação e Comunicação Social podem ter contribuído para inverter esse número. Isoladamente, os números não revelam grandes discrepâncias entre os períodos analisados. Contudo, ao trazer à baila o perfil de candidatos à doação de sangue total, tem-se no primeiro período 35% de candidatos de primeira vez; 28% de esporádicos; 37% de repetição (duas ou mais doações a cada 12 meses). 73% de doações espontâneas; 12% de reposição; e 10% de campanhas de grupos. No período da pandemia foram 32% de primeira vez; 31% esporádicos e 37% de repetição. Total de 84% de doações espontâneas; 5% de reposição e 9% e campanhas. A partir dos dados levantados é possível inferir que durante a pandemia houve um aumento do perfil de candidatos à doação esporádicos e de doações espontâneas em relação àqueles candidatos sensibilizados no âmbito hospitalar ou pelos voluntários que desenvolvem campanhas de doação. Conclui-se que as

ações nas mídias sociais juntamente aos voluntários foram positivas para amenizar o impacto da COVID na FHB.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2022.09.1136>

CARACTERIZAÇÃO DAS HEMOTRANSFUSÕES EM UMA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA COVID

GS Santanna, BPS Santanna, VC Santos, JJD Santos, LTC Silva, SMG Queiroz, CM Santos, GS Cruz

Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, SE, Brasil

Objetivo: Caracterizar o perfil das transfusões nos pacientes internados na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) COVID de um hospital universitário. **Material e método:** Estudo descritivo, exploratório de abordagem quantitativa, realizadas no período entre 2020 e 2021, em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI) destinada ao atendimento de pacientes COVID do Hospital Universitário da Universidade Federal de Sergipe (HU-UFS). A coleta de dados foi realizada por meio da Solicitação Nacional de Hemocomponentes (SNH). **Resultados:** Foram solicitadas 231 de unidades de hemocomponentes para os pacientes internados na UTI COVID, destas 85,28% (197) foram transfundidas, sendo 62,44% (123) Concentrados de Hemácias (CH), 11,67% (23) CH filtradas, 19,80% (39) Plasma Fresco Congelado (PFC) e 6,09% (12) plaquetas. ABO-Rh do receptor a maior prevalência foi O(+) com 35,53% (70) das transfusões, A(+) com 26,90% (53) seguida do B(+) com 26,39% (52). Além do diagnóstico de COVID, em 53,33% (109) dos casos foi sinalizado outras condições associadas, dentre estes 11,17% choque séptico; 7,61% cirrose hepática; 6,60% hemorragia digestiva; 3,04% lúpus eritematoso sistêmico e neoplasias cada uma com 3,55% anemia hemolítica autoimune e 2,54% Insuficiência cardíaca congestiva; 2,03% SIDA, 1,52% Tromboembolismo pulmonar, Linfoma e anemia falciforme, cada uma. Foi identificada uma incidência de 1,52% de reações transfusionais imediatas, sendo uma suspeita de reação febril não hemolítica e dois casos de lesão pulmonar aguda relacionada a transfusão (TRALI). **Discussão:** O estudo realizado por Bandeira et al. (2021) identificou que nas duas ondas de COVID, o hemocomponente mais transfundido foi o CH seguido do PFC, como comorbidades associadas foi identificada HAS e DM sendo a anemia a principal indicação, os tipos sanguíneos prevalentes foram O(+) e A(+), sem registros de reações transfusionais nestes pacientes. Machado et al. (2020) também analisou os grupos sanguíneos mais prevalentes em pacientes COVID identificando o O(+) e A(+). **Conclusão:** Os pacientes internados na UTI COVID que necessitaram de hemotransfusão em 62,44% foram CH, o tipo sanguíneo prevalente foi O(+) seguido do A(+), cerca de 53% dos pacientes transfundidos tinham outra condição clínica associada, dentre as quais prevaleceram o choque séptico, cirrose hepática e hemorragia digestiva. A incidência de reações transfusionais

nessa população foi de 1,52%, sendo a reação febril não hemolítica e TRALI, as suspeitas notificadas.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2022.09.1137>

PERFIL TRANSFUSIONAL DOS PACIENTES HOSPITALIZADOS COM COVID-19 EM UM HOSPITAL DE ENSINO

LTC Silva, CM Santos, BPJS Sant'anna, VC Santos, SMG Queiroz, GS Sant'anna, JJD Santos, GS Cruz

Hospital Universitário da Universidade Federal de Sergipe (HU-UFS), Aracujá, SE, Brasil

Objetivo: Descrever o perfil transfusional dos pacientes hospitalizados com o diagnóstico de COVID. **Material e Métodos:** Estudo transversal, descritivo e quantitativo realizado na Unidade Transfusional do Hospital Universitário da Universidade Federal de Sergipe (HU-UFS), no período de maio a dezembro de 2020. Utilizou-se para a coleta dos dados as Solicitações Nacionais de Hemocomponentes (SNH) de pacientes hospitalizados com diagnóstico de COVID-19 confirmado por método de RT-PCR e que tiveram a necessidade de hemoterapia. Foram incluídos no estudo pacientes internados nos setores de Enfermaria COVID, UTI COVID, Setor de Transição e Isolamento de enfermarias com diagnóstico confirmado de COVID-19. **Resultados:** Dos 201 pacientes positivos para coronavírus internados na instituição, 37 (18,4%) necessitaram de hemoterapia, sendo 20 (54,0%) do sexo feminino. Foram identificadas 129 unidades de hemocomponentes solicitados para estes pacientes, destas 117 (90,7%) foram provenientes do setor UTI COVID, enquanto 12 (9,3%) dos setores de enfermarias. A faixa etária com maior necessidade de transfusão foi entre 40–80 anos, com média de 61 anos. Quanto à classificação ABO/Rh (D) do receptor, os tipos mais frequentes foram O positivo, A positivo e B positivo representando um percentual de 37,8%, 32,4% e 16,2% respectivamente. O hemocomponente mais solicitado foi o Concentrado de Hemácia (CH) com 91 (70,54%) das SNH; 78,2% das transfusões foram indicadas por valor de hemoglobina abaixo de 10 mg/dL, valores menores ou iguais a 7,0 g/dL foram responsáveis por 78 (60,46%) dos casos, os valores acima de 7,0 mg/dL tiveram, em cerca da metade dos casos, a indicação associada à alguma comorbidade, dentre estas o sangramento ativo e o choque séptico, com 16,6% cada bem como a Insuficiência renal e a cardíaca com 6,6% cada. Quanto a modalidade 76,7% foram de Urgência, 12,4% Programada, 4,7% Não urgente e 3,1% Extrema urgência. Das 108 hemotransfusões realizadas, 5,56% foram de unidades heterogrupo. As suspeitas de reações transfusionais ocorreram em 8,1% dos pacientes. **Discussão:** Machado (2020), analisou as transfusões em pacientes COVID, encontrou um maior percentual para o sexo masculino com 52,8%, média de idade de 50 anos ou mais, sendo o tipo sanguíneo mais frequente A e O Rh (D) positivo. A prevalência destes dois tipos sanguíneos vem sendo sustentados na literatura. Há recomendações que utilizam o parâmetro para transfusão de CH, quando o paciente se encontra estável, sem outras comorbidades específicas, valores de

hemoglobina <7 g/dL. Essa estratégia de transfusão restritiva associada a compatibilidade ABO/RhD reduz mortalidade por causas cardíacas, edema pulmonar, sangramento e infecção bacteriana quando comparada com uma conduta liberativa de transfundir quando Hb <9 g/dL. A incidência de suspeitas de reações transfusionais imediatas superou os valores descritos na literatura. **Conclusão:** O perfil transfusional nos pacientes COVID foram de média de idade 61 anos, em pacientes do sexo feminino, com ABO/Rh (D) A positivo e O positivo, tendo 78,23% das transfusões indicadas por valor de hemoglobina abaixo de 10 mg/dL associada ou não à alguma comorbidade. Metade das solicitações para pacientes com hemoglobina entre 7–10 g/dL, apresentaram como diagnóstico clínico apenas o COVID sem sinalização de comorbidades na SNH. Por fim identificou-se alta incidência de suspeita de reações transfusionais, sendo necessário mais estudos para explicá-las.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2022.09.1138>

O IMPACTO DO SARS-COV-2 NA MEDICINA TRANSFUSIONAL: AVALIAÇÃO DA SOROPREVALÊNCIA E DETECÇÃO MOLECULAR DE SARS-COV-2 EM DOADORES DE SANGUE

M Evaristo^{a,b}, EV Santos^{b,c}, JS Borges^b, DT Covas^{a,b,c}, S Kashima^{b,d}

^a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (HCFMRP), Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, SP, Brasil

^b Fundação Hemocentro de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, SP, Brasil

^c Instituto Butantan, São Paulo, SP, Brasil

^d Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto (FCFRP), Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, SP, Brasil

No ano de 2019, um surto de pneumonia de causa desconhecida foi notificado em Wuhan, na China. O agente etiológico identificado se trata de um vírus nomeado como Vírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS-CoV-2). Esta infecção é predominantemente caracterizada como uma infecção do trato respiratório. Embora não haja evidências sobre a replicação viral do SARS-CoV-2 nas células do sangue periférico, este vírus pode se disseminar para outros órgãos utilizando a circulação sanguínea. Portanto, é possível a ocorrência de transmissão transfusional de SARS-CoV-2. Neste sentido, o objetivo deste trabalho foi determinar a soroprevalência e a detecção de RNA de SARS-CoV-2 no plasma de doadores de sangue do Hemocentro de Ribeirão Preto. Para isso, a coleta das amostras foi realizada no período de Janeiro de 2020 a Janeiro de 2022. Essas amostras foram divididas em dois grupos: i) Amostras de sangue de candidatos aptos à doação de sangue e ii) Amostras de sangue de doadores que apresentaram sintomas característicos da COVID-19 após doação (Informação Pós-Doação, PDI). Para a análise da soroprevalência utilizamos o ensaio imunoenzimático IgG anti-SARS-CoV-2 de 646 amostras de plasmas referidas ao ano de 2020. E para detecção molecular de RNA de SARS-CoV-2 utilizamos a